

*Riscos do português /
Riscos do castelhano: a
língua portuguesa na
poesia do argentino
Néstor Perlongher*

Pablo Gasparini*¹

Resumo



Este trabalho analisa a emergência do português na escrita poética do poeta e antropólogo argentino Néstor Perlongher (1942-1992), entrevendo-a não só como a voluntariosa inscrição do exílio biográfico no metafórico, mas também como uma possível expressão do flutuante ideário fronteiriço de Perlongher, possibilitado pelo singular *status* que entre si se outorgariam o castelhano e o português tanto no Brasil como na Argentina.

Palavras-chave: Transnacionalidade; Translingüismo; Exílio

*Llegó, y a vista tanta
obedeciendo la dudosa planta,
inmóvil se quedó sobre un lentisco,
verde balcón del agradable risco.
Luis de Góngora*

O *risco*, neste trecho da *Soledad Primera*, não só aponta um abismo ou penhasco (o seu sentido em castelhano), mas também certa condição de vacilação ("*dudosa planta*") que a

* Doutorando na Universidade de Campinas

poesia neobarrosa (aquele termo cunhado por Néstor Perlongher para referir-se à recriação do neobarroco caribenho no lodoso estuário rio-platense)¹ transformaria em condição essencial. Apenas como exemplo, no qual a vacilação ou o deslize chega inclusive a tornar-se tema, gostaria de recordar aqui um poema de *Alambres* que Perlongher denomina (aparentemente pelo menos, pois este título está entre parênteses) em português. Refiro-me ao poema que se segue ao vocábulo português “grades” (em castelhano, “reja” ou “enrejado” entre outras acepções mais especificamente lexicográficas):

(grades)

y por las gradas esa estola que
radas, rodas, rueda, greda
en el degrau -degrádase, desagradable boa, la de esa
moquerie, y cuyos flejos, gelatinosos, lame. losa
la de esa escala. pues en sus ascensiones, o descensos, o
líneas, de laberinto, boas de fleco y
“filipetas”, botas
lo que se pisa: paño
de “pranto” y “maquerie”: machette ruinosa, lo que en ella
rolaba, o el rolar de
esos vahos, mohosos, musga el rielar
de ese desliz: pétalo caviloso que, pecado
en su pasmada esplendidez, tremola; vino que áspero
en los rajados torsos se disipa, pringado: gredas o paño, botas,
gelatina (PERLONGHER, 1997, p.93)

Obviamente seria impossível sintetizar aqui os diferentes modos em que o português intervém ou escava a presença absoluta do castelhano na poesia de Perlongher desde sua radicação no Brasil. Para ser breve, digamos que a certos jogos de duplicidade lingüística, embasados entre, chamemos assim, parônimos entre o português e o castelhano (como no célebre “Acreditando em Tancredo”,² e que no poema aqui citado se daria em vocábulos como “rolar”³ ou “boa”)⁴, ou inclusive a certas apropriações de vocábulos em português (que costumam aparecer diretamente em itálico ou entre aspas em seus poemas, como aqui acontece com *grades*, *degrau*, “pranto” ou “filipeta”) seguem-lhe outras operações mais complexas que Perlongher, na introdução a *Mar Paraguayo* (o formidável romance escrito em portunhol pelo poeta brasileiro Wilson Bueno⁵), relaciona a uma espécie de “gramática sem lei” (BUENO, 1992, p. 8). Entre estas operações, deveríamos destacar aquelas pelas quais a materialidade de um vocábulo em português desperta aquele “entretocado de alusões e contrações rizomáticas” que Perlongher considerava intrínseco ao neobarroco (PERLONGHER, 1991, p. 16). e que, ainda que em poemas como “*El rompehielos*”, também de *Alambres*, (PERLONGHER, 1991, p. 107) detenham uma função central, nos encontraríamos aqui, em “(grades)”, na irresistível atração que, entre outros possíveis exemplos, o vocábulo português “degrau” parece exercer com palavras do castelhano como “*degrádase*” e ainda “*desagradable*”. A esta espécie de poder gravitacional exercido, ao que parece, pela língua estrangeira (e que preferimos ler como um consciencioso e intencional efeito estético), deveríamos agregar (no caso de lembrarmos da flexível ou *cimbreada* oscilação de línguas em “Riga”, o extenso poema que

Perlongher inclui em *Hule* (PERLONGHER, 1997, p. 172.) na voluntariosa, violenta e gozosa mortificação ou interpenetração entre as línguas, um sugestivo vaivém que produz gozosas aberturas ou cisões entre os percutidos vocábulos (e que no poema aqui citado parece insinuar-se através do trabalho com a palavra portuguesa “grades”, que gera, por uma simples inversão de vocais, o vocábulo castelhano “*gradas*” e em seguida, finalmente, “*gredas*” –que pertence a ambas as línguas).⁶

Ler a ingerência do português no conjunto de poemas de Perlongher como um efeito ingênuo de sua radicação no Brasil, seria lê-lo – se seguimos as distinções estabelecidas por Abdelmalek Sayad em “Imigração e convenções internacionais” – como um imigrante antes que como um estrangeiro, ou seja, como alguém que sofre, passivamente e sem capacidade de reflexão, os efeitos próprios do exílio lingüístico⁷ Nada mais distante de Perlongher que, apesar de sua proximidade “antropológica” com as chamadas “Bocas do Lixo” (isto é, com a malfalada “periferia” social⁸) teve a sofisticada consciência lingüística requerida pela estética barroca, uma consciência plena que lhe permitia dirimir (a julgar por suas cartas pessoais escritas em português e ainda, por alguns poemas escritos diretamente nessa língua⁹) os domínios próprios do português e do castelhano.

Deste modo, a entrada do português no devir poético de Perlongher é realmente original, pois se bem que poderíamos afirmar que o poeta argentino recupera uma das obsessões barrocas, a da incorporação ou fagocitação de vocábulos estrangeiros (recordemos os acusativos à grega e as palavras do latim, do toscano e do grego que Góngora incorpora em seus sonetos quadrilíngües¹⁰) não se trata aqui da pretensão de enriquecer ou realçar poeticamente a língua nativa. Tampouco, é fundamental apontar, da fascinação por uma língua estrangeira da qual se obteriam pontuais renovações estéticas (penso aqui no papel do francês no modernismo hispano-americano; no “*Automnal*” de Ruben Darío ou até nos galicismos vanguardistas de Huidobro). Contra as preciosidades gongorinas e contra as esperanças ou utopias de modernização, aqui se trataria do trabalho com **outra** língua não central, algo que, em todo caso e a partir de uma estética mais relacionada à expressão que ao discorrer (mesmo que com ênfase igual na materialidade da linguagem), só poderia comparar-se a César Vallejo (que trabalhou ou pelo menos refletiu, ademais de com – ou a partir de – o francês, com línguas sem prestígio internacional: o lituano, o polonês, o romeno e, claro, o próprio quíchua¹¹).

Sabemos que o “estrangeiro errante”, figura gongorina que funda o monumento da poesia barroca, as *Soledades*, é, ademais de um “inconsiderado peregrino”, um “miserável estrangeiro”, um “forasteiro” que, em determinada leitura, oscila entre a tentação do fausto cortesão e a ilusão de um asilo fora dos desastres da história (BEVERLEY, In: GONGORA, 1989) quicá aqueles desastres que Roberto Echavarren lê por debaixo da poesia de Perlongher, fazendo que a mesma – ainda muito antes do literal exílio biográfico – se enunciasse da mais patente desterritorialização.

De fato, Echavarren apontou em reiteradas ocasiões certa compulsão de Perlongher pela desmarcação – melhor ainda, superposição – de fronteiras: uma espécie de “transcontinentalidade” (o conceito é de Echavarren) pela qual, segundo este crítico e poeta, “*Canción de amor para los nazis en Baviera*” (apenas para citar um exemplo do primeiro livro de Perlongher, *Austria-Hungría*), podia falar do presente argentino

ao referir-se a um passado europeu no qual *“los pervertidos u homosexuales eran enviados -junto a judíos, gitanos y otros marginales o disidentes a la confinación y exterminio”* (PERLONGHER, 1997, p. 11). Contudo, se levamos em consideração a maneira pela qual Perlongher fala do trágico, versos como *“y yo sentía el movimiento de tu svástica en las tripas”* (PERLONGHER, 1997, p. 27). ou *“y nos íbamos a hacer / el amor en mi bohordilla / pero tú descubrías a Ana Frank en los huecos / y la cremabas, Nelson, oh”* (PERLONGHER, 1997, p. 26) falam-nos de certa resistência a uma enunciação ou estética do trágico através de – parafraseando certas afirmações de Perlongher em *“Lamborguini, Carrera, Lamborguini: Un ‘nuevo’ verso rioplatense”*¹² – uma espécie de pulsão ou liberação desejante da subjetividade que sexualizaria o traumatizado campo social. Se lermos *“El informe Grossman”* (PERLONGHER, 2001, p. 56-57) no qual a prescritiva heroicidade dos soldados argentinos nas Malvinas se vê afrontada por cenas de brusca violência e humilhação sexual que transformam os *gurkas* em violadores perversos dos soldados argentinos; ou se lermos, inclusive, a irreverente versão de Eva Perón, em *Evita vive* (na qual menos que a heróica cancerosa que morre entregue a seu povo, Evita é uma suburbana que se entrega aos prazeres carnavais com este¹³), chegaremos à conclusão que Perlongher (como Copi em *“El Uruguayo”*) é um assumido ladrão de cadáveres, pois como em seus poemas *“El cadáver”*, de *Austria-Hungría*, e *“El cadáver de la nación”*, em *Hule*, a celebração do trágico/nacional, cujo valor coletivo necessita sempre algum sacrifício exemplar, resulta profanado ou afrontado. Assim, no primeiro destes poemas (*“El Cadáver”*) umas *“manchitas”* no rosto de Evita delatam a impostura política do embalsamento (detalhe que, por sua vez, indica que Evita *“empezó a pudrirse”* *“en la memoria de su pueblo”*), enquanto que o segundo, *“El cadáver de la nación”*, é enunciado, de acordo com Echavarren, por *“un abrasilero, un subversivo transnacional”* (PERLONGHER, 1997, p. 11) que utiliza o fronteiriço verbo trepar para referir-se a certos desgarres em *“los pliegues o sayales de la santa”*. Se levarmos em consideração que, segundo Benedict Anderson, em *Comunidades Imaginadas*, a pátria, talvez por sua afinidade com o imaginário religioso, pode exigir sacrifícios que têm *“la muerte como la última de toda una gama de fatalidades”* (ANDERSON, 1993, p. 27) poderíamos afirmar que Perlongher, do mesmo modo que os autores e textos que ele mesmo cita para fundamentar esta irreverente tradição¹⁴, substituiu *“el bien por el deseo”*¹⁵.

Se me permiti esta digressão foi para marcar que a *“transcontinentalidade”* de Perlongher talvez se deva, menos a uma maneira de rechaçar as fronteiras nacionais (a uma, hoje, vantajosa transnacionalização¹⁶), que a uma maneira de evitar certo caráter trágico que, ao menos no caso argentino, parece intrínseco à construção do discurso nacional. Assim, recordemos que Perlongher, longe de considerar como circunstancial sua estadia no Brasil, transforma-a em um lugar de enunciação, assumindo-a como o território de seu *“exilio sexual”*¹⁷, frente a uma Argentina que sentia como *“autoritaria, hiposensual y decadente”*¹⁸ ou como um lugar onde, de maneira bastante freqüente, *“terror e gozo”* apareciam – à maneira lamborguiana – *“quase indissolúvelmente unidos”*¹⁹. Desta maneira, Perlongher responde a certo ideário argentino sobre o Brasil, aquele que transforma este país no detentor de uma sociabilidade mais permissiva ou menos (diretamente) repressiva e que, para além de certa razão histórica (transparentada no exílio de, principalmente, acadêmicos

universitários argentinos durante as décadas de 70 e 80²⁰, acabou sendo, em algumas ocasiões, censurado. Assim, Jorge Jinkis afirma (em um artigo que tem por alvo a leitura perlongheriana da guerra das Malvinas) que *“la brasilera pasión es una pasión no menos argentina, argentinísima, un lugar donde el alma delicada del liberalismo progre ha encontrado en estos últimos años el clima tibio en el que pueden florecer sus manifestaciones expresivas”* Entretanto, além de retomar o velho *topos* entre “os que permaneceram e os que se foram” (que a discussão Cortázar-Heker já convertera em canônico²¹) o importante é que Jinkis aponta para uma percepção que Ramón Alcalde, em um artigo paralelo e ainda mais “agressivo”, expõe sem matizes: o que parece não tolerar-se de Perlongher é sua, nas palavras de Alcalde, *“ilusión extraterritorial”*. *“Fuera de su Estado (el de su pertenencia originaria)”* – sentença Alcalde – “[Perlongher] *escribe como si viviera fuera de todo Estado*”. Antes de nos deter nos *a priori* teóricos e sentimentos (quicá nacionalistas) de Jinkis e de Alcalde, vale a pena concentrar-se na maneira singular pela qual parece superar-se o recorrente imaginário tropical (aludido por Jinkis como *“Geografía colorinche”*): seja porque se trate ou não de uma “ilusão”, o Brasil permite (ao menos para os “hispanos”) escrever “como se se estivesse fora de todo Estado”; uma percepção que, em todo caso, encontraria seu antecedente em certo imaginário sobre o Brasil que faz deste menos uma nação – um “Estado” consolidado – que um território, um espaço distante, vago e confuso onde, mencionando apenas ao Borges de *“El Muerto”*, um *“triste compadrito”* de Buenos Aires pode chegar a *“capitán de contrabandistas”* (BORGES, 1993, p. 545). Se bem que esta concepção fronteiriça do Brasil nunca chega, em Borges, a assumir-se lingüísticamente – apenas em *“La forma de la espada”* ele diz, recordemos, que o misterioso Vincent Moon fala um *“español abrasilero”* (BORGES, 1983, p. 491) – outros escritores hispano-americanos, como Horacio Quiroga ou Roa Bastos fizeram do chamado portunhol a marca lingüística desta extraterritorialidade ou falta de pertença intrínseca a um espaço nacional determinado (ver GASPARINI, 2000).

Devemos acrescentar, por outro lado, que se o Brasil, nestas referências literárias é menos um Estado consolidado que uma fronteira (com tudo o que esta implica em permeabilidade de línguas e em permeabilidade de identidades), Maite Celada, em *“Acerca del error por el portuñol”*²², afirma, em contrapartida, que neste país seria difícil situar a língua espanhola em algum dos espaços simbólicos projetados pelo modelo tetralingüístico que Deleuze-Guattari elaboram em *Kafka, por una literatura menor*²³ pois o espanhol raramente gozara do *status* de língua estrangeira no Brasil. Se Perlongher, em *“el rompehielos”*, afirma que *“al gozador las lenguas se le hacen medias (o inmedias) como estambres”* (PERLONGHER, 1997, p. 107), Celada sustenta a hipótese de que esta falta de *status* de língua estrangeira habilitou no Brasil o portunhol como língua substituta do espanhol, pois sob a ilusão de competência lingüística imediata, esta “língua” – superadora ao que parece da maldição babélica – se ofereceria como um “entremeio” aceitável entre o espanhol e o português²⁴ e, se quisermos, entre os mundos marcados por estas línguas na América Latina. Ressaltemos, por outro lado, que Roberto Echavarren sustenta uma hipótese similar ao afirmar em *“Un fervor neobarroco”* que *“El portuñol es una respuesta estilística al aislamiento que caracteriza las tradiciones literarias hispana y portuguesa de nuestro continente”* (PERLONGHER, 1997, p. 11), um isolamento que, segundo Jorge Schwartz em “Abaixo

Tordasilhas!”, se deveria mais à parte hispana que à brasileira. Celebração do portunhol aparte, o certo é que, se esta língua pode festejar-se como uma espécie de “língua franca”, a mesma oscila, enquanto “*entremedio*”, entre a ilusão de transparência própria da língua materna, aquela segundo a qual o falante tem a ilusão de ser dono de seu dizer (“a língua do mestre” de acordo com Melman), e a resistência que uma língua estrangeira opõe ao falante assinalando-lhe sua impossibilidade de poder ser sujeito de outro saber (ferida narcisística diante de significantes que o descentram e o designam como estrangeiro ou como, segundo o mesmo Melman, escravo).²⁵

Se levarmos em consideração que o portunhol não possui status de objeto científico e que afinal se trata (como o *spanglish* ou o *franglais*) de uma designação popular para fenômenos lingüísticos diversos²⁶, é interessante observar a maneira pela qual o mesmo se vislumbra ou se imagina em cada oportunidade e, em nosso caso, a maneira singular com a qual este conceito se assume em Perlongher. Assim, fica claro que Perlongher entreviu no portunhol uma formidável língua poética²⁷. Com efeito, se, como se afirma em “*el rompehielos*” de *Alambres*, “*al gozador las lenguas se le hacen medias o inmedias*”, poderíamos pensar que o portunhol é meio espanhol e meio português, não de todo o espanhol e nem de todo o português, e que espera equilibrar-se numa posição intermediária ou niveladora entre ambas as línguas, através do cruzamento de imaginárias “*medias*” de línguas (o cruzamento dos caracteres imaginários gerais do espanhol: a “*media*” do espanhol, com os caracteres imaginários gerais do português, e a “*media*” do português); uma ilusão ideal de nivelção ou “*media*” que se frustra e acaba – se levamos em conta a citação de Perlongher – em “*in-media*”, em uma impossível conciliação que redundava na oscilação ou no constante errar (em todos os sentidos) entre ambas as línguas, naquele, para retornar a (*grades*), “*pétalo caviloso que, pecado en su pasmada esplendidez, tremola*”; um *desliz* o deslize sobre o qual o poema se funda e que faz do português o *riesgo* (palavra que, em português poderíamos traduzir como “risco”) do castelhano.

De fato, este poema nos coloca diante de toda uma situação escorregadia. Os “degraus” ou escalões que o texto levanta por entre as superpostas “grades” de línguas, parecem dirigir-se ou rodar – entre ascensos ou descensos – em um meio sonoro que se desliza entre a vibratória “r” (*radas, rodas, rueda, rolaba, rolar, rielar, rajados, torsos*) e a liquidez da “l” (*estola, gelatinoso, lame, losa, escala e, em combinação com outros fonemas: flejos, fleco, esplendidez*, etc.). Por outro lado, se a “boa”, em sua queda, lambe os inflados (ou gelatinosos) “flejos” (essa combinação da surda e fricativa “f” com a líquida lateral “l” que produz, no nível articulatorio, a passagem ou “lambida” da língua pelo paladar) o poema gira e se enreda em torno da combinação da fricativa “g” com a líquida vibrante “r” das “grades”, os “degraus” e a “*grada*”, toda uma gradação ou, de acordo com Nicolás Rosa, uma degradação que não só corresponderia a certo (neobarroso) “rebaixamento das superfícies” (ROSA, 1997, p. 68) (neste texto habilitado pelo “*mohoso*” ou “gelatinoso”²⁸) mas também com o descenso das vibrantes, o que este crítico chama o porão protoglótico dos fonemas bebês e lácteos (ROSA, Apud: SCHWARTZ, 2000, p. 31) um “exercício de glotificação” que levaria ao “*amanecer primitivo de las palabras propias de la queja, el lamento y el llanto a mitad de camino de la exclamación trágica y de las lloronas pueblerinas y de las hesitaciones del goce sexual*” (ROSA, 1997, p. 31).

Pois bem, se Perlongher substituiu “*el bien por el deseo*”, a trágica celebração

do nacional pela “ilusão” extraterritorial (habilitada ou tornada possível por aquele Brasil fronteiriço), talvez devêssemos agregar que este “goce”, longe de reduzir-se ao “protoglótico”, enuncia-se, pelo menos em “(grades)”, a partir de fonemas diferenciais entre o espanhol e o português; pois, em uma leitura mais especificamente fronteiriça e oscilante com a oralidade do português (pelo menos em sua variante paulistana), a “r” estaria ganhando um caráter gutural mais que vibratório, articulação que, em todo caso, se recuperaria nas combinações desta com fonemas oclusivos²⁹, e, inclusive, em sua alternância com líquidas laterais (**pr**anto-**espl**endidez-**pr**ingado) gerando um deslize ou escorregão entre “r” e “l” típica do portunhol. Daí, talvez, que “grades”, o título do poema, encontre-se entre parêntesis, pois menos que degraus ou graus entre as línguas, haveria mais especificamente escorregões, deslizes e, por que não, lambidas.

Haroldo de Campos, o formidável poeta brasileiro, fala em “Requiem” (CAMPOS Apud: SCHWARTZ, 2000, p. 5-10) um dos textos que escreveu por ocasião da morte de Perlongher do “cunilingúneo portunhol lubrificante” do poeta argentino. Em outro, intitulado “Neobarroco: in memoriam” (PERLONGHER, 1994, p. 15) recupera o estribilho “*Hay Cadáveres*” do célebre poema perlongheriano (PERLONGHER, 1997, p. 111-123), abrindo no entanto uma cesura que converte o impessoal de existência “hay” em um lamento de dor que, apesar da circunstância de agonia aludida no poema, lê-se menos a partir do individual que do coletivo/nacional. Assim, se diz que “néstor perlongher” está:

*morrendo e canta “hay...”
madres-de-mayo heroínas-car-
pideiras vazadas em prata negra
lutuoso argento rioplatense plangem
“...cadáveres” e está
morrendo e canta [...]*

(PERLONGHER, 1994, p. 15)

Contra esse “lutuoso argento” não só se opõe “seu canto de / pérolas-berrucas alambres bo- / quitas repintadas restos de unhas / lúnulas (...)” da primeira parte do poema, mas também o fato peculiar de que esse canto se realize, como se afirma ao final do poema, “em gozoso portunhol”: uma língua que se permite aludir a uma comunidade maior que Haroldo chama “hispano-porto-ibericana”, é graças a sua capacidade de esboçar, de traçar os riscos (em português: traços ou planos, mas também a possibilidade do perigo) das línguas por ela encontradas; uma superfície escorregadia e fronteiriça (um perigoso e atraente penhasco) que a “*dudosa planta*” do estrangeiro errante não podia, sem dúvidas, deixar de *hollar* ou pisar.

Abstract

The aim of this paper is to study the influence of Portuguese in the poems by the Argentinean writer and anthropologist Néstor Perlongher (1942-1992). The paper proposes this influence as a mark of the biographic in the metaphoric exile. Finally, Perlongher's idea on the borderlines is analyzed stressing the status of Spanish and Portuguese in Brasil and Argentina.

Keywords: Transnationality; Bilingualism; Exile.

Notas Explicativas

- ¹ Falamos aqui da poesia neobarroca de Perlongher nos termos que ele mesmo estabelece, seguindo uma linha teórica que reflete sobre o “novo barroco” e que vai de Gillo Dorfles, em sua *Teoría Estética* de 1951, a Haroldo de Campos em *A arte no horizonte do provável*, passando por Severo Sarduy no clássico *Ensayos generales sobre el Barroco*. Roberto Echavarren em *Medusario*, uma antologia de poetas neobarrocos hispano-americanos, estabelece uma série de características comuns (experimentação com a linguagem, sem cair no “didatismo vanguardista”, rechaço de converter a imagem em ícone, sintaxe complexa, proliferação rizomática de estilos, multiplicidade de níveis de referência, dispersão de procedimentos). Ruben Darío é considerado, pelos neobarrocos, geralmente um precursor e Lezama Lima é reconhecido como o grande mestre comum (ver SARDUY, 1972). Rosa em sua introdução a *Si no a enhestar el oro oído*, do poeta argentino Héctor Piccoli, sintetiza a divergência entre barroco e “novo barroco” ao afirmar que “*El barroco clásico no sólo es traducible, sino que exige la traducción, nos propone el placer de otros horizontes, otros textos, otras escrituras (...) El barroco de esta poesía (la poesía de Piccoli) no permite la traducción, la sugiere pero se ingenia para perturbarla y, al fin y al cabo, destituirarla*” (PICCOLI, 1983, p. 8). Um estudo sobre o neobarroco como “gosto de época” pode ser encontrado em *La era neobarroca*, de Omar Calabrese e uma postura crítica sobre as tentativas de periodização do barroco latino-americano (que estabelecerá uma continuidade entre o colonial=barroco e o neocolonial=neobarroco) em HANSEN, 2001: “Barroco, neobarroco e outras ruínas”.
- ² O texto “Acreditando em Tancredo” foi publicado na revista *Novo Leia*, ano VII, nº. 75, São Paulo, janeiro de 1985. Também se encontra reproduzido em *Prosa Plebeya*, p. 215-218.
- ³ Apesar de que “rolar” existe tanto em português como em castelhano, devemos notar que enquanto nesta última língua não significa mais que rodar (sendo seu uso extremamente raro), em português, este verbo assume vários sentidos figurados, entre eles o de sacudir-se ao dançar ou o de cair do alto girando ou flutuando. Na “gíria” ou *argot* do Brasil, também pode encontrar-se no sentido de acontecer ou ocorrer.
- ⁴ Além de um tipo de ofídio não venenoso (único sentido desta palavra em castelhano), “boa” designa na “gíria” ou *argot* brasileiro uma mulher de físico provocante (“boa” ou “boazuda”).
- ⁵ Em “*Hacia la subversión geográfica: Mar Paraguayo de Wilson Bueno*” (em *Atas do III Congresso Brasileiro de Hispanistas*, Associação Brasileira de Hispanistas-Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004, no prelo) comparo as experiências de Perlongher y de Wilson Bueno com a mistura de línguas e defendo o conceito de “translingüístico” só para o texto de Wilson Bueno.
- ⁶ Por outro lado, este vaivém passa também por aqueles vocábulos que se interpõem entre o título “(grades)” e a “*grada*” final, refiro-me àqueles que surgem da elisão do g, dando os vibrantes “radas, rodas, rueda”.
- ⁷ Sigo aqui os conceitos que propõe Abdelmalek Sayad em “Imigração e convenções internacionais” e em “A ordem da imigração na ordem das nações”. Segundo as reflexões do autor, ainda que não exista diferença jurídica entre a condição de estrangeiro e a condição de imigrante (pois desde o ponto de vista legal, a categoria de estrangeiro subsume quaisquer outras), é preciso ultrapassar as fronteiras do estatuto jurídico para se apreender a situação de fato dos seres que ultrapassam as fronteiras nacionais. Assim, conforme Sayad, o imigrante é aquele em quem “os efeitos da condição social dobram os efeitos da origem nacional”, e estes, por sua vez, reiteram a hierarquia entre nações. Daí decorre que o imigrante é sempre alguém oriundo de um mundo dominado “que só forneceria imigrantes”. Já o estrangeiro, que seguindo a formulação do autor pode ser definido como aquele em quem os efeitos da condição social anulam os efeitos da origem nacional “ser[á] tratado com o respeito devido a sua qualidade de ‘estrangeiro’”. Ver *A imigração (ou Os paradoxos da alteridade)*. São Paulo: Edusp, p. 235-263 e 265-286.
- ⁸ Refiro-me ao trabalho antropológico urbano de Perlongher, sintetizado em *O negócio do michê: prostituição Viril em São Paulo*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social - UNICAMP, Campinas, SP (publicado no Brasil pela editora Brasiliense no ano 1987 e traduzido para o espanhol e publicado em Buenos Aires no ano 1993 pela editora La Urraca, sob o título de *La Prostitución Masculina*). Estudo a figura do exílio neste trabalho antropológico no meu artigo “Yiros, bocas y

ghettos: de la constitución de un sujeto del exilio en "O negócio do michê de Néstor Perlongher" em *Anais do IX Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada*, Abralic/ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2004 (no prelo).

- ⁹ Neste ponto devemos dizer que, a julgar pelas cartas pessoais de Perlongher escritas em português, seu domínio da língua, apesar de alguns erros, atingia certos rasgos de expressividade pessoal. Assim em "Carta a Lúcia" (documento CEDAE 0027) – uma estudante brasileira que auxiliou Perlongher nos trâmites para sua inscrição num doutorado na Sorbonne sob a orientação de Michel Maffesoli – o português de Perlongher, para além de um ocasional erro na colocação pronominal, destaca-se por chegar a utilizar expressões idiomáticas próprias de um nativo: "Finalmente chegou tua esperada carta. Alegria. Te respondo acelerado como boto detrás da canoa pois o tempo voa como pássaro azul no igarapé". Por outro lado, o domínio que Perlongher tinha do português se manifesta em sua competência para discutir com seu tradutor para o português a propriedade de algumas traduções (por exemplo, com Josely Vianna Baptista em documento CEDAE 0019). Por último, os textos poéticos que Perlongher chega a escrever em português indicam já um uso estético deste. De fato, no Archivo Perlongher /CEDAE, encontramos alguns textos poéticos escritos diretamente em português. Alguns deles, tanto por sua temática/forma como pela data, respondem sem dúvidas, ao "Auto Sacramental" que Perlongher estava escrevendo durante a década de '90 (um projeto que receberia em 1992 o apoio da Fundação Guggenheim). Estes textos são dois: "Errante marinha" (nº CEDAE 0485) e "A titilação do verde" (nº CEDAE 0418). O curioso consiste em outros textos nos quais Perlongher parece ensaiar uma escrita poética em português, em certos casos ainda muito próxima à prosa (como em "Santa Paula de la brigadeira", nº CEDAE 0318 e "É preciso que emerja você", nº CEDAE 0383), e em outros jogando já com sonoridades próprias do idioma e com certa estética neobarroca (como no logrado "Obelcor", nº CEDAE 0686). Ainda que seja difícil afirmar (fora do projeto pontual do "Auto Sacramental") uma decidida intenção de Perlongher no sentido de escrever poesia em português (sem a intermediação da tradução) estes textos demonstram certa inquietação (quicá desde muito cedo, como se percebe no esboço de alguns versos em português, escritos entre 1983 e 1984, no dorso de um soneto em espanhol, ver "Chamara-o", nº CEDAE 0180).
- ¹⁰ Walter Pabst destaca o interesse do soneto quadrilíngüe como índice do programa lingüístico gongorino em *La creación gongorina en los poemas "Polifemo" y "Soledades"*.
- ¹¹ Para a reflexão vallejana sobre a emergência de palavras estrangeiras em sua poesia, ver "*Contra el secreto profesional*", citado por Ballón, Enrique "*Para una definición de la escritura de Vallejo*" em VALLEJO, César. *Obra poética Completa*. Bs. As.: Ayacucho / Hyspamérica, 1986.
- ¹² No documento CEDAE 0790 "*Lamborghini, Carrera, Lamborghini: Un 'nuevo' verso rioplatense*", Perlongher unifica estes autores porque seriam antecedentes de uma invasão "*de lo 'poético' sobre lo social' (y no a la inversa como postula el social realismo)*". Tratar-se-ia, assim, de "una suerte de pulsión poética volcada directamente sobre el campo social, sexualizada y que sexualiza ese terreno" (Documento 0790, p. 4). Na página 6 do mesmo documento, Perlongher cita um fragmento de uma reportagem sobre Osvaldo Lamborghini (em *Lecturas Críticas, "El lugar del artista"*, nº 1, Bs. As., 1980), no qual Lamborghini acusa a ideologia liberal de esquerda de certa propensão "chorosa" da literatura argentina "*¿Querés que te diga la verdad? ¿Cuál es el peor enemigo? Es Gonzalez Tuñon; los albañiles que se caen de los andamios, toda esa sanata, la cosa llorona, bolche, quejosa de lamentarse (...) Esto es poesía quejosa, hacer esta especie de orgullo de padre proletario, que se levantaba a las 5 de la mañana con sus manos callosas; que traía pan crocante a la mesa (...) No hay, te digo, una cosa personal con Castelnuevo, más bien con la ideología liberal de izquierda, esa cosa llorosa. Es decir que los escritos tienen que valer por el sufrimiento que venden y por las causas nobles de ese sufrimiento*" (Documento 0790, p. 6).
- ¹³ Apesar de que este texto já havia sido publicado em inglês, em uma antologia de textos reunidos por Winston Leyland, causa uma verdadeira polémica pública quando se publica em Buenos Aires em 1989 (em *El Porteño* nº 88).
- ¹⁴ Perlongher elabora uma genealogia desta atitude em "*Los Lamborghini y Carrera: una 'nueva' escritura rioplatense?*" (Documento CEDAE 0792). Os nomes incluídos são os irmãos Lamborghini, Osvaldo y Léonidas, citando deste último um texto onde é desestruturado o "*Himno Nacional*

Argentino: "lo mortal/ lo que se oye/ -oíd: el ruido de lo roto en el trono de la identidad / en / lo dignísimo / -oímos / respondemos: el ruido de lo sagrado de lo unido en / lo dignísimo de / la identidad que se rompe./ oímos lo abierto a lo mortal, la salud rota en/ lo mortal: el grito". Outros autores mencionados são Enrique Molina e o erotismo desbordante de "Una sombra donde sueña Camila O'Gorman", texto onde é relatado o famoso episódio histórico (no qual Rosas manda fuzilar Camila O'Gorman – uma jovem da alta sociedade portenha – e seu amante, um sacerdote), não para retratar a crueldade tirânica e política de Rosas (como usualmente foi contado) mas para exacerbar o peso erótico da história. Por último, Perlongher inclui Germán García (autor de *Nanina*, proibida por "obscenidade" em 1968) e Luis Gusmán (autor de *El frasquito*).

- ¹⁵ O conceito de uma literatura que substitui o bem pelo desejo "sea este un deseo de poder, un deseo de justicia, un deseo de goce" pertence a Héctor Libertella, e é citado por Perlongher em "Lamborghini, Carrera, Lamborghini: Un 'nuevo' verso rioplatense?" (Documento CEDAE 0790) a partir de uma citação da revista *Literal* n° 1 (p. 42). As definições de Libertella em prol de uma "nova escrita" que prioriza o gozo antes que o "compromisso", parecem essenciais a Perlongher, que em várias oportunidades respalda suas formulações a partir da introdução de Libertella a sua antologia *Nueva escritura en Hispanoamérica* (assim por exemplo em "Los Lamborghini y Carrera: una 'nueva escritura' rioplatense?", documento CEDAE 0792, chega a assimilar o conceito de "nova escrita" de Libertella ao de literatura neobarroca, dando, assim, ao conceito de "nova escrita" de Libertella, uma história maior. Desta maneira, em outro artigo, que na verdade parece ser uma re-escritura do aqui aludido, Perlongher muda o título de "nova escritura" para o de "novo verso").
- ¹⁶ Em *A Republica Mundial das Letras*, Pascale Casanova faz do conceito de transnacionalidade um dos recursos que teriam as literaturas dos confins para instaurar-se no centro do debate intelectual. Casanova, discípula dileta de Pierre Bourdieu, lê assim os processos de internacionalização a partir da constituição de um campo literário global e, a partir desta perspectiva, seu pensamento parece querer dessacralizar o conceito de extraterritorialidade de George Steiner. Se, para este pensador, os escritores modernos são aqueles que ficaram sem lar (aqueles que, apartados da língua materna, deveriam refugiar-se em línguas estrangeiras), em Casanova trata-se de reler esta opção pela superação das fronteiras nacionais, menos como um abrigo que como uma estratégia, menos como efeito da intempérie intrínseca à modernidade que como uma deliberada busca de participação no mercado mundial.
- ¹⁷ O conceito de "exilio sexual" provém de "El espacio de la orgía", entrevista de Osvaldo Baigorria a Néstor Perlongher, em *El Porteño*, no. 41, julho 1985. Utilizamos o conceito de território já que Perlongher, em uma entrevista à que em seguida aludiremos, confessa que "El exilio, aunque tenga sus lamés dorados, desterritorializa. Y parece que no hay vuelta, se territorializa en la desterritorialización, un nomadismo de la fijeza" (ver nota 29).
- ¹⁸ Em entrevista à revista *Babel*, n° 9, 1989. Esta revista publicava em cada um de seus números uma seção intitulada "La Esfinge", que consistia em um questionário de 69 perguntas idênticas para cada autor. Perlongher enviou suas respostas de São Paulo e sua resposta à pergunta n° 26: Em que país gostaria de viver?, Perlongher responde: "Tal vez en Argentina, si no fuese tan autoritaria, hiposensual, decadente –o sea si fuera, vaya ilusión, "otra" Argentina, sin que para ello hubiera que recurrir (espanto ahuyentador) al despoblador de Beckett. Acaso en Bahía, Brasil, si hubiera allí cómo mantenerse sin desmantelarse. El exilio, aunque tenga sus lamés dorados, desterritorializa. Y parece que no hay vuelta, se territorializa en la desterritorialización, un nomadismo de la fijeza". Reproduzido em *Prosa Plebeya* p. 13-21.
- ¹⁹ Em documento CEDAE 0819, onde Perlongher escreve que "Evocar la Argentina se me asocia casi instantáneamente a una sensación de pánico: terror y goce aparecen casi indilosublemente unidos. Esa contigüidad puede bien ser un efecto de estilo. Sara Torres me acusa de escribir con el ombligo: el problema (lo que pasa) es que escribo como (desde) el culo. Desde que otro lugar debería (sic) escribir sobre la homosexualidad en la Argentina".
- ²⁰ Devemos acrescentar que Perlongher não é um caso isolado e que o exílio argentino no Brasil durante a última ditadura (1976-1983) recebe muitos nomes no setor de profissionais universitários que, sem estar explícita ou pessoalmente ameaçados pelo terrorismo de estado, encontravam-se asfixiados pela restrita vida civil ou, diretamente, como alvos potenciais desse terrorismo. Isto sem levar em conta outro fator importante que é o ataque físico (no corpo de professores e estudantes,

a partir de a chamada “*noche de los bastones largos*”), político e econômico das ditaduras militares à universidade argentina.

²¹ O debate foi publicado em *El Ornitorrinco*, Bs. As., no. 7, jan.-fev. de 1980, e no. 10, out.-nov. de 1981.

²² Em *Tsé Tsé* no. 7/8, Bs. As., mayo 2000.

²³ Deleuze-Guattari (1977) elaboram a partir dos estudos de Gobard sobre o caráter veicular da língua inglesa um modelo explicativo das “funções da linguagem que podem manifestar-se para um mesmo grupo através de línguas diferentes” (DELEUZE-GUATTARI, 1977, p. 36). Desta maneira diferenciam, a partir da língua vernácula (materna e territorial), a língua veicular (urbana-comercial e des-territorializante), a referencial (a língua da cultura e da re-territorialização cultural) e a mítica (a língua da re-territorialização espiritual ou religiosa).

²⁴ A autora volta a trabalhar seu conceito de “entremeio” em sua tese de doutorado: *O espanhol para o brasileiro. Uma língua singularmente estrangeira*, IEL/UNICAMP, 2002.

²⁵ Seguimos aqui as reflexões de Melman 1992, pp. 16-17, onde se sustenta que se a língua materna é a língua do senhor, a língua estrangeira é a do escravo, pois é ali onde o significante perde “sua faculdade de representar o sujeito para um outro significante, a fim de ganhar uma função de designação”.

²⁶ Desta maneira, Celada (2000) adverte que “A verdade é que o termo ‘portunhol’, pelo fato de funcionar como uma espécie de ‘curinga’ que circula e se desloca por diferentes espaços, refere-se a diversos objetos, dentre eles designa a língua de mistura – entre espanhol e português – nas diversas fronteiras do Brasil com os países hispano-americanos. Por isso, ‘portunhol’ pode designar tanto a língua dos hispano-falantes que moram neste país (à qual alguns dão o nome de “espagués”) quanto aquela produzida pela relativa audácia dos veranistas argentinos nas praias brasileiras ou, ainda, pela boa disposição dos anfitriões que aí os recebem. Pode designar também a modalidade com a qual os brasileiros ‘dão um jeito’ de comunicar-se com os hispano-falantes dentro ou fora do Brasil. Com frequência, o termo é utilizado ainda pelo próprio aprendiz para referir-se à língua que vai produzindo ao longo de seu processo de aprendizado” (Celada 2002, p. 44). Por outro lado, devemos acrescentar que a designação portunhol (construída com base em termos análogos como “franglais” ou “spanglish”) não seria a única possível, pois a esta, sem dúvida a mais generalizada, poderíamos acrescentar outras designações talvez mais regionais e próprias das zonas fronteiriças: “*entreverado*”, “*brasileiro*”, “*fronterizo*”, “*carimbão*” ou “*bayano*”. Behares (1985, pp.8-10) qualifica todas estas designações (inclusive o portunhol) como designações populares, e antepõe às mesmas o efetivo estudo teórico/lingüístico dos fenômenos aos que estas designações aludem.

²⁷ E isto não só na já citada introdução de *Mar Paraguayo* do romancista brasileiro Wilson Bueno, mas também em “*El portuñol en la poesía*”, artigo apresentado no Encuentro de Profesores de Español del Estado de São Paulo, organizado em dezembro de 1984 na Universidade de São Paulo (USP). Ver Documento CEDAE 0796. “*El portuñol en la poesía*”. São Paulo, dez. 1984. 11 p; dt. Reproduzido em *Tsé Tsé* no. 7/8, Bs. As., mayo 2000, p. 254-259. Adrián Cangi estuda este artigo em “Una poética bastarda”, *Tsé Tsé* no. 7/8, Bs. As., maio 2000.

²⁸ Em Rosa, Nicolás. *Tratados sobre Néstor Perlongher*, p. 68. Recordemos que em *Caribe Transplatino*, Perlongher chamou de “*neobarroso*” a inflexão rioplatense do neobarroco. Amir Hamed (1988) afirma que os “*neobarrosos remiten, vía Borges, a un suelo de incertidumbre, desestabilizado por el líquido*”. A referência a Borges alude a seu poema *Fundación mítica de Buenos Aires*, no qual o poeta se pergunta se é “*por este río de sueñera y barro*” que vieram os barcos “*a fundarme la patria*” (versos recuperados pelo uruguaio Onetti na epígrafe de seu último romance *Cuando ya no importe*).

²⁹ Com “g”: grades, degrau, degradable, desagradable, gredas; com “t”: tremola; com “p”, onde alternará, como em seguida veremos, com o líquido lateral “l”, pranto y pringado.

Referências Bibliográficas

ALCALDE, Ramón. Ilusiones de isleño. Revista Sitio. Bs. As., no. 3, diciembre de 1983.

ANDERSON, Benedict. Comunidades imaginadas: reflexiones sobre el origen y la

- difusión del nacionalismo. México: FCE, 1993.
- BEHARES, L.E. Planificación lingüística y educación en la frontera uruguaya con Brasil. Montevideo: Instituto Interamericano del Niño. OEA, 1985.
- BORGES, J.L. Obras completas. Bs. As.: Emecé, 1993.
- BUENO, Wilson. Mar Paraguayo. São Paulo: Iluminuras / Secretaria do Estado da Cultura do Paraná, 1992.
- CALABRESE, Omar. La era neobarroca. Madrid: Cátedra, 1989.
- CAMPOS, Haroldo de. A arte no horizonte do provável. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- CANGI, Adrián. Insumisión y subjetividad en la obra ensayístico poética de Néstor Perlongher: interferencias entre Brasil y Argentina en los años 80. Tese de doutorado. Departamento de Letras Modernas - Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, 2002.
- CANGI, Adrián. Una poética bastarda. Revista Tsé Tsé, Bs. As., no. 7/8, mayo 2000.
- CANGI/SIGANEVICH (comps.) Lúmpenes Peregrinaciones: ensayos sobre Néstor Perlongher. Rosario: Beatriz Viterbo, 1996.
- CASANOVA, Pascale. A República Mundial das Letras. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- CELADA, María Teresa. Acerca del errar por el portuñol. Revista Tsé Tse. Bs. As., no. 7/8, mayo 2000.
- CELADA, María Teresa. O espanhol para o brasileiro. Uma língua singularmente estrangeira. 2002. Tese de doutorado. IEL- Universidade de Campinas (UNICAMP), Campinas, SP, 2002.
- DELEUZE-GUATTARI. Kafka. Por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- DORFLES, Gillo. Teoria Estética. Barcelona: Lumen, 1985.
- ECHAVARREN, Roberto (org.) Medusario. México D. F.: FCE, 1997.
- GASPARINI, Pablo. Brasil en *Yo el Supremo* (o de bandeirantes, *tamoraes* y carnavales de cartón). Revista Hispamérica. Maryland, año XXIX (87), Dezembro 2000.
- GASPARINI, Pablo. "Hacia la subversión geográfica: *Mar Paraguayo* de Wilson Bueno". *Atas do III Congresso Brasileiro de Hispanistas*, Associação Brasileira de Hispanistas - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2004 (no prelo).
- GASPARINI, Pablo. "Yiros, bocas y ghettos: de la constitución de un sujeto del exilio en "O negócio do michê de Néstor Perlongher". *Anais do IX Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada* - Abralic/Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2004 (no prelo).
- GÓNGORA, Luis de. Soledades. Edición de John Beverley. Madrid: Cátedra, 1989.
- HAMED, Amir. Orientales. Uruguay a través de su poesía. Montevideo: Grafitti, 1988.
- HANSEN, João Adolfo. Barroco, neobarroco e outras ruínas. Revista Teresa no 2, São Paulo, 2001.

- JINKIS, Jorge. A la tibia musa, de um vate desencantado. Revista Sitio no. 3, Bs. As., diciembre de 1983.
- LEYLAND, W.(org.). My deep dark pain is love. San Francisco: Gay Sunshine Press, 1983.
- MELMAN, CH. (1992). Imigrantes. Incidências Subjetivas das Mudanças de Língua e País. São Paulo: Escuta, 1992.
- PERLONGHER, Nestor (coord.). Caribe transplantino. Poesía neobarroca cubana y rioplatense. São Paulo: Iluminuras, 1991.
- PERLONGHER, Nestor. Evita vive e outras prosas. Tradução de Baptista Josely Vianna/ Seleção de Adrián Cangi. São Paulo: Iluminuras, 2001.
- PERLONGHER, Nestor. La prostitución masculina. Bs. As.: La Urraca, 1993.
- PERLONGHER, Nestor. Lamê. Edição bilíngüe espanhol-português, tradução de Baptista Josely Vianna/ seleção de R. Echavarren. Campinas: Unicamp, 1994.
- PERLONGHER, Nestor. O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- PERLONGHER, Nestor. Poemas Completos. Bs. As.: Planeta, 1997.
- PERLONGHER, Nestor. Prosa Plebeya. Bs. As.: Colihue, 1997.
- PICCOLI, Héctor. Si no a enhestar el oro oído. Rosario: La Cachimba, 1983.
- ROSA, Nicolás. Tratados sobre Néstor Perlongher. Bs. As.: Ars, 1997.
- SARDUY, Severo. El barroco y el neobarroco. In: César Fernandez Moreno (coord.). América Latina en su Literatura. México D.F.: Siglo XXI, 1972.
- SARDUY, Severo. Ensayos generales sobre el Barroco. Bs. As.: FCE, 1987.
- SAYAD, Abdelmalek (1998) Imigração e convenções internacionais. A ordem da imigração na ordem das nações. In: A imigração (ou Os paradoxos da alteridade), São Paulo: Edusp, pp. 235-263 e 265-286.
- SCHWARTZ, Jorge. Abaixo Tordesilhas!. Revista Estudos Avançados no. 7 (17), São Paulo, 1993.
- SCHWARTZ, Jorge (org.). Cuadernos de Recienvenido no. 18. Homenaje a Néstor Perlongher, Universidade de São Paulo, 2000.
- STEINER, George. Extraterritorial. Ensayos sobre literatura y revolución lingüística. Barcelona: Barral, 1973.
- VALLEJO, César. Obra poética Completa. Bs. As.: Ayacucho / Hyspamérica, 1986.

Documentos do Arquivo Perlongher (CEDAE/UNICAMP) citados neste trabalho:

Documento 0019. Carta a Josely [Vianna Baptista], fazendo sugestões sobre a tradução para o português de alguns poemas para o livro Caribe Transplatino. São Paulo, 30 jul. 1991, 1 p., dt., c/ass.

Documento 0027. Carta, em português, a Lúcia, fazendo perguntas referentes a questões administrativas vinculadas a seu doutorado na Sorbonne e fazendo comentários gerais sobre a França. São Paulo, 19 ago, 1991. 3p, dt, c/ass.

Documento O180. "Soneto", em espanhol, e "Chamara-o", em português. [São Paulo, entre 1983 e 1984?] 2p., dt. c/ correções ms.

Documento O318. "Santa Paula de la brigadeira (...)", em português, e "Despeinam en el latido de los hilos (...)". [São Paulo, 1988]. 1p., dt. e ms.

Documento O383. "È preciso que emerja você" (sic), em português, e Yida [São Paulo, 198]. 2p; dt. c/correções e anot. ms.

Documento O418. "A titilação do verde (...)", em português. [São Paulo, 1990] 1 caderno c/ 182 p: p.5; ms. c/ correções.

Documento O485. "Errante marinha", em português. [São Paulo, 1990] 1 caderno c/ 182 p: p. 3-4, ms.

Documento O686. "Obelor", em português. S.l.d. 1p., dt. c/correções ms.

Documento O790. "Lamborguini, Carrera, Lamborguini: Un 'nuevo' verso rioplatense?" São Paulo, jun. e jul. 1982. 18 p., dt. c/ correções ms. e xerox.

Documento O792. "Los Lamborghini y Carrera: una 'nueva' escritura rioplatense?" São Paulo, nov. 1982, 7 p., xerox.

Documento O796. "El portuñol en la poesía". São Paulo, dz. 1984. 11 p; dt.

Documento O819. "Evocar la Argentina me provoca una sensa(...)". S.l.d. 1p. dt. c/ correções ms.